

Intervenção do Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas

COLÓQUIO

“JOSÉ ENES: PENSAMENTO E OBRA”

Sessão de Abertura – 26 de outubro de 2015 – 20h30

Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado / antiga Igreja do Colégio dos Jesuítas

- *Senhor Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada,*
- *Senhor Vice- Reitor da Universidade dos Açores,*
- *Senhor Presidente do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira,*
- *Demais membros da Mesa de Honra,*
- *Ex.ma Família do Professor José Enes, Senhora Prof Maria Fernanda Enes*
- *Senhoras e Senhores Professores, Oradores, Convidados,*
- *Minhas Senhoras e Meus Senhores*

As minhas primeiras palavras são naturalmente para dirigir uma saudação especial a todos os presentes, em nome do Presidente do Governos dos Açores, Vasco Cordeiro, agradecendo à organização deste Colóquio o honroso convite, em especial para participar nesta Sessão de Abertura.

Cabendo-me a honra de o representar, começo por cumprimentar o Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, a Universidade dos Açores, a Universidade Católica Portuguesa e a Casa dos Açores em Lisboa, entidades que, em boa hora, decidiram organizar este Colóquio, bem como a todos - e muitos foram – os que colaboraram na sua preparação: Comissão Organizadora, Comissão Científica, Comissão de Honra e o vastíssimo e ilustríssimo painel de oradores e conferencistas.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Em boa hora nos chega esta iniciativa, dedicada a uma personalidade que é, efetivamente, merecedora da maior homenagem, desde logo pelo destaque e importância nuclear do seu pensamento no contexto na intelectualidade nacional contemporânea: José Enes, um dos maiores pensadores açorianos e um dos mais importantes filósofos portugueses do século XX.

Naturalmente que, nestas breves palavras de abertura, não terei a ousadia de qualquer tentativa de ensaio sobre as múltiplas dimensões do pensamento do Professor Doutor José Enes, muito em particular no âmbito filosófico, literário e cultural, deixando assim à análise profunda e exposição cuidada dos especialistas, estudiosos e seus colaboradores mais próximos.

Mas tenho, acima de tudo, o dever institucional – que é também um imenso privilégio pessoal – de deixar algumas palavras, breves mas carregadas de significado, associando o Governo dos Açores a este Colóquio e à homenagem que, através dele, é feita às mais variadas dimensões do pensamentos e da obra de José Enes.

E se é, efetivamente, profundo e complexo o seu pensamento (o conhecimento intelectual, a elaboração do pensamento, a exploração ontológica, a hermenêutica da linguagem, o caminho de acesso ao ser, ao mundo e a nós mesmos), não será menos verdade que o seu legado político, pedagógico e institucional perdura em cada um de nós e em todos os Açorianos.

Ou seja, José Enes, aquele que já foi considerado “o mais importante pensador açoriano posterior a Antero de Quental e Teófilo Braga” é

também um homem de ação e, nesse contexto também, um Açoriano que, alicerçado na profundidade do seu pensamento filosófico, ousou intervir, deixando a sua marca na construção de um futuro melhor para a sua Região e para os seus concidadãos.

Falo, naturalmente, e em primeiro lugar, do seu contributo essencial para o início de uma discussão séria e consequente de temas fundamentais para os Açores, para a construção da unidade regional, para a consagração da Autonomia.

Efetivamente, como é sabido, José Enes e um grupo de professores do Seminário de Angra fundaram em finais dos anos 50 o Instituto Açoriano de Cultura, entidade que foi, depois, nos anos 60, promotora das Semanas de Estudos do Açores.

Ambas as iniciativas foram de fundamental importância para que se criasse nos Açores um clima propício à discussão da problemática do desenvolvimento económico e da justiça social (ou da sua falta) e em que se encarasse os Açores como uma unidade: “mais saber melhor viver”, nas palavras do seu secretário entre 61 e 64, José Enes.

Foi precisamente o desapontar de um novo movimento e o surgimento de uma nova geração de Autonomistas!

De resto, todo o movimento ligado às semanas culturais e aos seus objetivos, acima referidos, é motivada, alicerçada mesmo, na Açorianidade profunda de José Enes, através de uma interpretação cultural e histórica da açorianidade que se alimenta, também, da reflexão

filosófica, do conhecimento académico e, claro, da arte, da literatura e da poesia.

Aliás, José Enes é também entusiasta de uma “genuína literatura açoriana” por via de especificidades muito próprias como “a presença do mar, saudade de longes nunca vistos e melancolia, acompanhados de um cuidado pelos mais humildes”.

É, assim, sempre com o seu sentido humanista, que José Enes empresta o seu precioso contributo à criação do Instituto Açoriano de Cultura, à publicação da revista Atlântida e às célebres “Semanas de Estudo dos Açores” que resultaram num abanão cultural - diria mesmo político - nas várias estruturas dirigentes da sociedade açoriana da altura.

Mas estes são, certamente, temas para melhores conhecimentos e outros alcances.

De qualquer modo, uma referência incontornável, porventura, ao legado mais visível, mais alargado e certamente o mais conhecido: a fundação do Instituto Universitário dos Açores do qual foi presidente da Comissão Instaladora, depois, primeiro Reitor da Universidade dos Açores.

A ação determinante, pioneira e de liderança de José Enes na criação da Universidade dos Açores permanece, certamente, não apenas na memória de todos quanto o conheceram, com ele privaram e participaram desses tempos iniciais de aventura, mas inspira cada professor, cada investigador, cada funcionário e cada aluno da Academia Açoriana com um profundo sentimento de gratidão e dívida.

A divisa da Universidade dos Açores, *Sicut aurora, scientia lucet* - «A Ciência brilha como uma aurora» - por ele sugerida, demonstra a esperança de progresso que, nas nossas ilhas, uma geração, uma nova geração de autonomistas, confiava à ciência e a uma instituição universitária, que racionalizariam os meios de desenvolvimento nos Açores, criariam a possibilidade de os Açorianos frequentar ensino superior e desenvolver a investigação nas mais variadas ciências e saberes.

O nome do Prof. José Enes evoca-nos, assim, não apenas o elevado mérito do seu trabalho intelectual, mas a indelével marca que deixou na sociedade açoriana, na criação das bases para o desenvolvimento cultural, pedagógico, científico, académico e político que as atuais gerações beneficiam.

E, fazendo a ponte para a área da qual me ocupo – as Relações Externas – gostaria apenas de lembrar o homem consciente da inserção dos Açores e da sua Autonomia no Mundo, o homem que fundou, também, o Centro de Estudos de Relações Internacionais e Estratégia, CERIE, e, de igual modo, de realçar que José Enes, tendo desempenhado funções institucionais da maior notoriedade e responsabilidade, nunca deixou e foi sempre um Professor e um Mestre.

Em suma, é à corajosa dedicação, à visão e ao conhecimento de José Enes, em estreita colaboração com outras figuras de uma geração que há 40 anos ousou mudar esta Região, que hoje devemos a criação da Universidade dos Açores, assim como o progresso cultural, académico, que a partir daí todos reconhecemos e vivemos, como um pilar fundamental da nossa Autonomia.

E é com a Autonomia que termino estas palavras, citando José Enes, em 1984, a propósito do texto constitucional que consagrou o regime autonómico: confrontando-o “no âmbito da História dos Açores, (...) com as aspirações expressas tantas vezes ao longo dos seus cinco séculos de existência e, em particular, com o pensamento autonomista formulado durante os séculos XIX e XX, não podemos deixar de ver nele o reconhecimento, não só da verdade, mas também do valor jurídico de direito natural daquelas *históricas aspirações autonomistas*. E – continua José Enes “na serenidade legal da sua linguagem, assume o fascínio da surpreendente realização de um ideal, com tamanha plenitude, que ultrapassa todas as expectativas das gerações que ardentemente o sonharam”.

Esperemos pois, que o exemplo do pensamento e obra de José Enes, na serenidade da sua linguagem e no fascínio da sua obra - que “ardentemente” foi sonhada por tantos -, continuem a inspirar as novas gerações de açorianos para a “surpreendente realização de um ideal”.

Felicito, uma vez mais, em nome do Presidente do Governo dos Açores, a organização deste Colóquio, desejando os maiores sucessos a esta iniciativa, agradecendo a vossa atenção.

Rodrigo Oliveira

Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas

Governo da Região Autónoma dos Açores